

Temos assim o perfil do judiciário italiano: a) combinava o pior de dois mundos: fascismo e stalinismo; b) sustentado e sustentando organizações paraestatais que fomentavam o verdadeiro terrorismo via os chamados “estragos” (atentados a bomba que mataram e feriram centenas de pessoas em inúmeras cidades italianas); c) que se saiba, com pouquíssimas condenações de neofascistas ou ainda a cumprir pena mesmo com provas e evidências sobre a autoria de tais atentados; d) raros foram os processos abertos contra indivíduos e organizações fascistas e, quando isto ocorria, logo eram encerrados por “falta de provas”.

Por outro lado, por 40 anos o Estado italiano manteve a perseguição internacional a Battisti, em uma trama que envolveu ao menos Itália, França, Brasil e, recentemente, Bolívia – que o entregou sem vacilar à INTERPOL italiana, revelando mais uma vez o caráter de classe antiproletário do tal “Socialismo do Século XXI”. Tudo sob a alegação de Battisti ter supostamente participado do assassinato de quatro pessoas, todos representantes das forças repressoras estatais, paraestatais ou de grupos paramilitares neofascistas, que conjugavam pequenos-patrões e elementos do *lumpensinato* (setores sociais degenerados onde eram recrutados homens que nada tinham a perder), em um contexto de luta política feroz. Crimes que o escritor italiano negou até recentemente, sobre os quais foi julgado à revelia sem uma prova objetiva, apenas as ditas “delações premiadas” (sistema em que o Estado italiano oferecia recompensas a militantes “arrepentidos” que negassem politicamente a luta armada e fossem além, entregando seus ex-camaradas de luta).

A prisão de Battisti no Brasil em 2007, mostrou que o judiciário brasileiro aprendeu lições com o italiano. Um conjunto de medidas absurdas foram aplicadas contra ele. O fato de que a Operação Mãos Limpas italiana serviu de inspiração aos operadores jurídicos que criaram a Operação Lava-Jato – em especial confundir repressão a crimes com supressão de direitos civis e políticos fundamentais – já nos é revelador e ainda não foi devidamente estudado.

A situação se agravou com a recente eleição presidencial, que colocou a frente do Executivo um grupo herdeiro do pior militarismo, treinado nos tempos do macarthismo, gestado nos porões da Ditadura Empresarial-Militar de 1964 e ligado organicamente às milícias cuja ação mais famosa foi o assassinato da vereadora Marielle Franco, em 2018. Antes da eleição presidencial haviam negociações intensas entre Jair Bolsonaro e o vice-primeiro-ministro da Itália, Matteo Salvini, para que Battisti fosse entregue à extrema-direita, mais uma vez no poder de Estado, em troca de “apoio moral” e outros pontos não revelados.

Após a prisão de Battisti na Bolívia em janeiro deste ano, Sergio Moro, já na condição de Ministro da Justiça de Bolsonaro, tomou a iniciativa de rever o Tratado de Extradicação com a Argentina do direitista Maurício Macri. Por meios totalmente democráticos, via diplomacia entre presidentes eleitos legitimamente, deu-se um passo para ressuscitar a Operação Condor (articulação internacional entre as ditaduras latino-americanas, com apoio logístico e financeiro da CIA, para perseguir e assassinar militantes de esquerda e personalidades dissidentes), agora sob a luz do dia e sem nenhum pudor. Processo que possivelmente ainda não avançou devido às presepadas diárias que o atual governo brasileiro vem realizando.

Some-se a isso a recém liberação da comercialização de armas, via decreto. Membros do Governo alegam que a ideia do Decreto não é armar toda a população, mas apenas “grupos específicos da sociedade”. Ou seja: o Decreto visa armar legalmente os setores potencialmente reacionários da pequena e média propriedade rural e urbana, setores civis da segurança pública, militares à paisana e outros grupos que terão por objetivo a defesa particular da propriedade privada dos meios de produção. Se cogita até legalizar assassinatos no campo em casos de “invasão de terras”. Ou seja, pessoas com o mesmo perfil dos “Torregianis”, “Santoros” e “Sabbadinis”, representantes do neofascismo italiano abatidos pelos PAC.

Alertamos que está em gestação (ou em aprimoramento) um grande aparato repressivo que envolve instituições estatais, empresariais, civis, militares e paramilitares em escala nacional e internacional (dadas as atuais relações entre a extrema-direita brasileira com a italiana, as latino-americanas, com o Estado de Israel e os EUA de Trump). Tal aparato ainda não está em uso direto e em escala porque o proletariado organizado encontra-se totalmente fora da cena pública da política, mas já estará estruturado quando isto vier a ocorrer.

Por tudo isto, nos colocamos e chamamos o conjunto do proletariado para reforçar os laços e iniciativas práticas de solidariedade a Césare Battisti. Não adotamos a política de considerar “heróis” quem integrou os exércitos nacionais que lutaram contra os regimes nazifascistas dentro da geopolítica das guerras imperialistas mundiais, ao mesmo tempo em que considera “terroristas” quem luta contra os neofascistas, dentro das democracias contemporâneas, a partir de uma consciência de classe!

Entendemos as motivações profundas de membros do atual governo brasileiro, incluindo o presidente, que os levam a exaltar genocidas como Pinochet, torturadores como Brilhante Ustra e a Ditadura de 1964 – querendo transformá-la em data comemorativa! Tanto eles como nós sabemos que o inimigo real do capitalismo não são os fascistas, mas o proletariado organizado e em luta.■

Março, 2019

NEM PARLAMENTO, NEM SINDICATO
PELA AUTONOMIA DO PROLETARIADO

ORGANIZE-SE NO BCAP!
bcap@riseup.net